

Livro recorda trabalho do primeiro fotógrafo de guerra português

José Henriques de Mello

Da autoria de Mário Matos e Lemos e Alexandre Ramires, a Imprensa da Universidade de Coimbra editou a obra “O primeiro fotógrafo de guerra português, José Henriques de Mello. Guiné: Campanhas de 1907-1908”. O principal objetivo deste trabalho é, segundo Matos e Lemos, dar a conhecer o nome e a obra do homem que na então Província da Guiné efetuou algumas dezenas de fotografias da campanha 1908, que contou com uma força expedicionária enviada pelo Governo português e chefiada pelo governador, 1.º tenente João de Oliveira Muzanty. Faz agora um século.

Paula Alexandra Almeida

Apesar de ter sido o primeiro fotógrafo de guerra português, existem poucos elementos sobre a vida e obra de José Henriques de Mello, “desconhecido de todos os especialistas portugueses, como António Pedro Vicente, pioneiro na investi-

cumentos interessantíssimos, como o de um casamento em Bolama, o de uma representação teatral, também em Bolama, e numerosas e excelentes fotografias de caráter etnográfico”.

No entanto, são as campanhas de Oliveira Muzanty na Guiné, em 1907 e 1908, que recebem



Acampamento no Xime. Vários oficiais e praças

em que atuou; depois, porque estas campanhas estão bastante esquecidas, embora tivessem sido, na época, acompanhadas com certo cuidado pela imprensa — geraram numerosas notícias, muitas crônicas e várias entrevistas, além de dois livros”.

Com efeito, adianta, “em todos os principais diários portugueses surgiram numerosas notícias, antes, durante e depois das campanhas, e não faltaram os comentários dos correspondentes ad hoc ou de pessoas que os jornais entendiam estarem habilitadas para falar dos aspetos políticos ou militares das campanhas e da Guiné, geralmente comerciantes ou antigos oficiais que se encontrassem em Lisboa”. Às vezes, continua Matos e Lemos, “eram até publicadas cartas chegadas da Guiné com descrições das lutas”.

Nesses artigos e comentários, esclarece, “os jornais refletem, naturalmente, as suas posições pró-governamentais ou oposicionistas, com relevo para os diários republicanos”, e levantam também “questões interessantes, como se se devia, ou não,

proceder à ocupação efetiva dos territórios, se se devia, ou não, enviar expedições a África”.

As imagens contidas no livro são, como revela Alexandre Ramires, originárias de duas fontes distintas. “Um álbum com cerca de uma centena de imagens, sobre vistas e costumes da Guiné, que

foi fora de Portugal para S. Vicente, onde abriu, em 1890, uma casa fotográfica, a “Mello Fotógrafo”. José foi trabalhar para a Loja Nova, na Cidade da Praia, ilha de San-

fo captar instantâneos dos combates, pelo que as fotos são anteriores ou posteriores — a preparação e as consequências. É assim que encontramos na obra o desembarque dos



Alçada d'uma trincheira abrigo, construída pelo inimigo

tiago, mas depois deverá ter ficado a colaborar com o irmão.

Foi no final de 1907, refere o investigador,



No interior do quadrado em Antim. Praças e auxiliares descansando

José de Mello deveria pretender utilizar para comercialização própria e que foram provavelmente obtidas em 1907, antes dos confrontos — daqui que tenha sido possível incluir na obra imagens de ambas as partes beligerantes —; e um conjunto de seis álbuns, com capa almofadada e com 12 imagens cada, sobre as ações militares portuguesas”.

O primeiro é propriedade de Ângela Camila Castelo Branco, os restantes de João Clode.

José Henriques de Mello, ou José de Mello, como se assinava, nasceu em 1875, em Lisboa. Segundo escreve Matos e Lemos, era irmão mais novo (seriam talvez dez filhos e José de Mello era o sexto) de João de Me-

quando foi feito o recrutamento de militares voluntários para a Guiné, que José de Mello deve ter

cavalos, as tropas em marcha ou nas trincheiras com as espingardas apontadas, testemunhos dos preparativos, ou então mortos no terreno ou aldeias incendiadas, testemunhos do fim do combate.

Mas enquanto esteve na Guiné, José de Mello dedicou-se também a fotografar as gentes e as paisagens locais, revela Matos e Lemos.

O fotógrafo deve ter decidido deixar a Guiné pouco depois de terminadas as campanhas, talvez porque não antever ali grande futuro, e deverá ter voltado para Lisboa de onde, segundo recordações da família, emigrou para os Estados Unidos, cerca de 1910.



O Quartel-General no acampamento em Gan-Sapateiro

decidido acompanhar a expedição, enviando imagens que foram publicadas no diário O Século.

Claro que, salienta o autor do texto, nesses anos, os recursos técnicos não permitiam ao fotogra-

Julga-se que fundou em Brooklin uma casa fotográfica e é possível que haja descendentes vivos nos Estados Unidos, mas esta é uma informação que Matos e Lemos não conseguiu confirmar.



Grumetes, em traje de guerra

gação sobre e fotografia e os primeiros fotógrafos portugueses”, lamenta Mário Matos e Lemos, coautor com Alexandre Ramires do livro “O primeiro fotógrafo de guerra português, José Henriques de Mello. Guiné: Campanhas de 1907-1908”. Essa falha, acrescenta, é, no entanto, “amplamente compensada pela riqueza do seu trabalho”, como poderá verificar-se nesta obra.

Para o investigador, “a importância de José de Mello não deriva apenas do facto de ser — tudo o indica — o primeiro fotógrafo de guerra português, pois para além das fotografias obtidas na frente de combate, ou que retratam cenas, comuns nesta época, de grupos de oficiais ou de movimentos de tropas, não faltam do-



No Xime. Um pelotão da Companhia Mista.